



Trânsito para a semântica

Resenha de

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. revisada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 184 p. (Didática)

Milton Francisco (UFAC)¹

O aluno de graduação em Letras parece estar sujeito a um “impasse” quando se trata do estudo da Semântica, em função das muitas teorias que se ocupam em descrever os fenômenos semânticos. Essa situação nos faz indagar qual das opções lhe seria mais adequada: o estudo horizontal ou o vertical. O primeiro com certeza lhe dará uma visão panorâmica sobre as diferentes abordagens teóricas da Semântica muito útil para suas leituras subseqüentes, permitindo-lhe aprofundar a abordagem que melhor lhe convier. Por outro lado, o conhecimento minucioso de uma das teorias significa obter um direcionamento sólido para reflexões e estudos futuros.

A primeira opção é assumida por Márcia Cançado em *Manual de semântica*, obra que surgiu de sua experiência didática nos cursos de graduação e de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. A autora recorre a “propostas de várias teorias aceitas pela comunidade lingüística” (p.13) para criar um livro com noções básicas e exercícios em português do Brasil.

No capítulo 1, *A investigação do significado*, Cançado procura explicitar que o significado pode ser: semântico, aquele contido nas palavras e nas sentenças, o que diz respeito ao chamado sentido literal; representacional, aquele ancorado em nossas representações mentais; pragmático, aquele fundado especialmente nos elementos contextuais. Nesse sentido, a autora anuncia as três abordagens semânticas a serem exploradas ao longo do livro: referencial (do capítulo 2 ao 5), mentalista (capítulos 6 e 7) e pragmática (capítulo 8).

No capítulo 2, *Implicações*, são explorados a hiponímia, o acarretamento e a pressuposição. Mas sem sequer tocar na hiperonímia. Márcia Cançado apropria-se do conceito de hiponímia (um tipo de relação entre palavras) para introduzir o de acarretamento (basicamente, relação em que o significado semântico de uma sentença implica o significado de outra). Por sua vez, a pressuposição é um tipo de relação entre duas sentenças que envolve o significado semântico e o conhecimento prévio comum a falante e ouvinte (a esse, o quanto

¹ Professor da Universidade Federal do Acre. Agradeço aos pareceristas que, apesar de anônimos, deram-me indicações valiosas de melhoria desta resenha, o que não me exime das possíveis falhas que aqui insistiram em permanecer. Contato: miltonchico@yahoo.com.br

possível), além de prováveis informações contextuais. Para a construção desse capítulo Cançado baseia-se, por exemplo, em Frege (1892), Hurford e Heasley (1983), Ilari e Galdi (1987), Chierchia e McConnell-Ginet (1990) e Saeed (1997).

Em *Outras relações*, capítulo 3, a partir especialmente de Ilari e Galdi (1987) e Chierchia e McConnell-Ginet (1990), Cançado conjuga o conceito de sinonímia com o de paráfrase, considerando que, de certo modo, um conceito corresponde ao outro, feita a ressalva de que o primeiro ocorre entre palavras e o segundo entre sentenças. Semelhantemente, são trabalhados os conceitos de antonímia e de contradição, baseando-se em Hurford e Heasley (1983). Em seguida, a partir de Chomsky (1957, 1965), a autora expõe o fenômeno semântico denominado anomalia. Outros conceitos caros à Semântica também discutidos pela autora são os de dêixis e de anáfora, a partir sobretudo de Benveniste (1976) e Ilari e Galdi (1987). Nesse capítulo não está evidente o amarramento teórico entre os tópicos expostos, o que o deixa, de certo modo, confuso.

O capítulo 4, *Ambigüidade e vagueza*, tem como eixo que a vagueza é um fenômeno semântico associado a expressões que fazem referência apenas de uma maneira aproximada – cabendo, nesse caso, ao contexto fornecer informações não especificadas no sentido dos itens lexicais –, enquanto a ambigüidade diz respeito a mais de um sentido contidos nas expressões, de modo caber ao contexto indicar qual dos sentidos a ser selecionado na sentença em uso. Cançado, procurando mostrar um tratamento possível para o fenômeno da ambigüidade, explora os seguintes tipos: ambigüidade lexical (gerada por homonímia ou polissemia, por preposições, pela conjunção “ou”), sintática, de escopo, semântica, de papéis temáticos e de uso de gerúndios. Para essa exposição, as referências utilizadas são principalmente Kempson (1977), Cruse (1986), Saeed (1997) e Chierchia (2003).

No capítulo 5, *Referência e sentido*, Cançado focaliza, sob a abordagem referencial, os conceitos de referência, sentido e significado, explicitando, assim, a base teórica dos fenômenos semânticos trabalhados nos capítulos 2 a 4. A autora adapta o modelo de Chierchia e McConnell-Ginet (1990) sobre os tipos de expressão, que podem ser: sintagmas nominais (SNs), que se referem a objetos no mundo; sintagmas verbais, que se referem a classes de objetos; e sentenças, que se referem a seu valor de verdade – verdadeiro ou falso – no mundo. Em seguida, apresenta os tipos de referência dos SNs segundo concepção de Lyons (1977): referência singular definida (SNs definidos, nomes próprios e pronome pessoal), SN definidos não-referenciados, referência geral distributiva e coletiva, referência indefinida específica e não-específica, e referência genérica.

Conforme a abordagem referencial, em linhas gerais, a referência é entendida como o objeto alcançado no mundo, enquanto o significado seria explicado em termos de referência. Para Kempson (1977), esse entendimento do significado é um equívoco; para tal posição, seu argumento mais forte é que as preposições, por exemplo, têm significado sem terem referência. Cançado busca, em Frege (1892) – lógico e filósofo alemão – uma resposta para essa questão. Para entender o significado, Frege considera fundamental reconhecer o sentido, que é a maneira com que uma expressão nos apresenta o objeto que ela nomeia, de modo a referência depender do sentido. Assim, o significado de uma expressão está em conhecer seu sentido e achar sua referência no mundo. Na linha de Frege, Cançado observa que o sentido é o conteúdo informacional que captamos ao entender uma sentença, o qual seria público. Ainda nesse capítulo, a autora apresenta os principais argumentos de Frege favoráveis à utilização do conceito de sentido no de significado.

Protótipos e metáforas, capítulo 6, é dedicado à abordagem mentalista, para a qual o significado acha-se no nível da representação mental. Aqui, dois fenômenos semânticos estudados sob essa perspectiva são expostos: a relação categorias–objetos e a metáfora. Sobre o primeiro, Cançado apresenta a teoria dos protótipos proposta por Rosch (1973, 1975) e alguns de seus “desdobramentos”, por exemplo, os estudos de Fillmore (1982) e Lakoff

(1987). Na seqüência, a metáfora é abordada a partir de estudos em Semântica Cognitiva realizados por Lakoff e Johnson (1980), Lakoff e Turner (1989) e Sweetser (1990). Entende-se que a metáfora faz parte da linguagem cotidiana, ao lado dos conceitos não-metafóricos, os da linguagem literal.

No capítulo 7, Cançado aborda *Os papéis temáticos*, questão léxico-verbal vista sobretudo pelas teorias de Semântica Representacional. Cada verbo, na relação de sentido que estabelece com seus argumentos, atribui-lhes funções (papéis), como de agente, causa, instrumento, paciente, tema, beneficiário, alvo, fonte. A propósito, esses termos, em parte, são entendidos de forma diferente entre os teóricos, entre eles, Gruber (1965), Fillmore (1968) e Jackendoff (1972, 1990). Cançado ressalta dois fenômenos pertinentes: o primeiro são as relações entre os papéis temáticos e a posição sintática de cada um deles; o segundo é o fato de os papéis fazerem parte do conhecimento semântico que o falante adquire sobre o verbo e seus complementos – por conseguinte, da língua de um modo geral. O segundo fenômeno diz respeito ao fato de os papéis temáticos estarem também no nível da representação mental.

A pragmática, que toma como objeto a língua em uso, é o foco do capítulo 8, *Atos de fala e implicaturas conversacionais*. A partir do clássico estudo de Austin (1962), Cançado apresenta os atos locutório, ilocutório e perlocutório, que são, respectivamente, a ação de proferir, a ação praticada ao proferir e o efeito desejado pelo falante sobre o ouvinte. Falar desses atos implica pensar suas condições de felicidade, que são as condições contextuais adequadas para a efetiva ocorrência do ato ilocutivo sobretudo. Em seguida, Cançado apresenta as implicaturas conversacionais postuladas por Grice (1975), as quais são inferências relacionadas ao uso da língua feitas a partir do contexto, diferentemente do acarretamento e da pressuposição (vistos no capítulo 2), que são inferências vinculadas, ao menos em parte, ao significado das palavras e sentenças. A interpretação das implicaturas segue, de modo geral, um princípio de cooperação, um conjunto de máximas conversacionais considerado por falante e ouvinte em situações de comunicação específicas. Nesse capítulo, Cançado serve-se também dos estudos de Fillmore (1971), Kempson (1977) e Saeed (1997).

O capítulo 9, *Um breve percurso pelas teorias semânticas*, estabelece elos com os anteriores. A autora procura sintetizar as principais teorias da Semântica que hoje se vinculam à Linguística, mostrando um pouco de suas origens, seus pontos comuns, divergências e desdobramentos. Uma dessas teorias é a Semântica Formal (Frege, 1892; Tarsky, 1944; Borges Neto, 2003), que se insere na abordagem referencial e tem servido de ponto de apoio geral para as demais teorias, ainda que essas procurem negá-la. Outra é a Semântica Argumentativa (Ducrot, 1977, 1987; Guimarães, 1985), a qual se encaixa, ainda que de forma velada, à abordagem pragmática. Essa Semântica focaliza os operadores argumentativos e considera que usamos a linguagem para convencer o ouvinte a participar da argumentação, e não para falarmos do mundo. Também sob a abordagem pragmática está a Teoria dos Atos de Fala (Austin, 1962; Searle, 1969; Grice, 1975), que, com Searle, passa a focalizar, por exemplo, a idéia de que parte do sentido de uma sentença tem uma função social. Trata-se de uma teoria que se mostra complementar à Semântica Formal.

Duas teorias que se vinculam à abordagem mentalista são a Semântica Cognitiva (por exemplo, Fauconnier, 1985, 1994; Lakoff, 1987; Langacker, 1987) e a Representacional (por exemplo, Jackendoff, 1983, 1990, 2002; Culicover e Wilkins, 1986). A primeira tem em conta que “o pensamento é estruturado por esquemas de imagens, mapeando domínios conceituais distintos” (Cançado, p.143). Aliás, como espécie de relação metafórica, realizam-se extensões de conceitos temporais/espaciais para diferentes campos semânticos. Por sua vez, a Representacional, como lembra Cançado (p.144), “tem compromisso com as formas das representações mentais internas, que constituem a estrutura conceitual, e com as relações formais entre esse nível e os outros níveis de representação (sintático, fonológico, visual, etc.)”

Por último, Cançado apresenta resumidamente a Semântica Lexical (Levin, 1989; Grimshaw, 1990; Levin e Rapaport, 1995), que focaliza a relação entre a estrutura sintática e a estrutura semântica do léxico e da sentença, explorando, por exemplo, as noções de papel e de hierarquia temáticos. Nota-se aqui um tratamento dos papéis temáticos diferente do exposto no capítulo 7. Uma segunda Semântica Lexical é a que estuda a palavra e suas relações, entre elas, a sinonímia, antonímia, hiponímia, polissemia (Cruse, 1986; Evens, 1988; Lehrer e Feder, 1992). *Um breve percurso pelas teorias semânticas* é um capítulo que se propõe apenas a dar pequenas pistas sobre cada uma das teorias citadas, o que o torna pouco interessante.

A grande quantidade de autores citados ao longo dos capítulos tem a vantagem de indicar fontes e oferecer caminhos ao leitor, mas sem detalhes acerca das linhas e percursos teóricos que cada qual assume. Parece-nos faltar esclarecimentos da junção de tantos autores. E mais, ao final da obra não se tem clareza de quais autores são tidos teóricos da Semântica e quais seriam periféricos.

Embora a autora tenha optado pelo estudo horizontal – e talvez por isso mesmo –, percebe-se que sua empreitada é limitada – o horizonte vai além! –, mas coerente a um curso introdutório de Semântica.

O estudante de Letras que utilizar o livro em foco talvez tenha a impressão de que a Semântica se limite ao estudo apenas de palavras e sentenças, dado ao fato de os exemplos e exercícios se limitarem a esse tipo de construção lingüística – infelizmente. Essa é uma característica típica das obras de Semântica. Cabe ao leitor, portanto, estender o conhecimento para textos autênticos, falados ou escritos.

Entendemos ser necessário que o estudante de Letras reflita sobre os fenômenos semânticos em textos jornalísticos, publicitários ou literários, na redação de crianças, na piada, na fala não planejada, por exemplo. São textos com os quais vai lidar como profissional. Na verdade, essa “lacuna” poderá ser preenchida pelo professor que adote essa obra como material de suas aulas. Aliás, um apoio para tal preenchimento são dois livros de Rodolfo Ilari (2003, 2004): *Introdução à semântica: brincando com a gramática* e *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*.

Manual de semântica tem o mérito de ser didático, característica atingida pela linguagem acessível aos iniciantes em Semântica e pelo conjunto de exercícios em português inseridos logo após a discussão de cada tópico. A esse respeito, atenta Cançado (p.13): “achei interessante inserir muitos exercícios, com as devidas respostas, para que o livro se tornasse mais auto-suficiente”. E ainda, ao fim de cada capítulo, a autora oferece indicações bibliográficas em português ou inglês, para que seu leitor possa aprofundar cada assunto estudado.

Trata-se de uma contribuição significativa para nossos professores e alunos de Letras, carentes desse tipo de publicação.

Referências bibliográficas

ILARI, R. *Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.